UNIDADE 3

O ESTATUTO DO DOCUMENTO

3.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar o conceito de documento sob a ótica de diversos autores, considerando diferentes áreas do conhecimento.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta unidade, você seja capaz de:

a) apresentar elementos históricos sobre o documento;

b) identificar os diversos conceitos de documento sob a ótica de diferentes autores;

c) oferecer um conceito de documento a partir de diferentes áreas do conhecimento notadamente a Documentação, Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e Ciência da Informação.

3.3 MUITO ALÉM DO RG

Documento. Todos nós produzimos e possuímos documentos, sejam eles ligados à nossa vida pessoal, à profissional ou à acadêmica.

O que a nossa *célula de identidade (Registro Geral)* tem a ver com um livro didático de Química? O que o prontuário médico de nosso pai tem a ver com uma película de um filme sueco? O que uma fotografia da Transamazônica tem a ver com a certidão de casamento da vizinha? O que o DVD de nossa banda predileta tem a ver com um fóssil de dinossauro em um museu de ciências? Aparentemente, nada!

Mas se pararmos para pensar com calma, todos os exemplos que eu dei remetem a um suporte que contém algum conteúdo. Além disso, são meios de transmissão de informações.

Então volto a fazer a mesma pergunta: o que estes exemplos têm em comum? A resposta é: eles possuem muita coisa em comum, e o que os une é que todos são documentos.

De fato, os exemplos que dei são de documentos por excelência, uma vez que são portadores de significados, independentemente do seu suporte (papel, película etc.) e do tipo de informação que contêm, seja ela escrita, seja imagética, seja auditiva ou todas elas juntas.

Podemos dizer que existem aqueles documentos de caráter institucional também: o Estado produz documentos, empresas produzem documentos, universidades produzem documentos, e assim por diante.

Existe uma tendência a se conceber o documento como algo eminentemente escrito. Mas o termo documento, como veremos ao longo desta unidade, é bastante amplo, sendo documento escrito somente um dos tipos de documento que compõe a vida social. Então uma partitura, um animal e, acreditem, até um fio de cabelo podem ser um "documento".

Figura 27 – Uma carteira de identidade e um DVD, embora sejam diferentes, têm em comum o fato de abrigarem um conteúdo. Ou seja, ambos são meios de transmissão de informação e, portanto, considerados documentos

Fonte: Wikipédia (2013) e *Flickr* (2014).[23]

Em tempos cada vez mais tecnológicos, vemos uma ampliação dos tipos de documentos e na forma cada vez mais rápida de acessá-los e de perdê-los! O mundo digital nos deu os documentos digitais que

[23] Primeira imagem: RG. Autor: Edson Lopes Jr. Disponível em: <https://goo.gl/a8ujZV>;
Segunda imagem: DVD. Autor: Maestro Cazzamatta. Disponível em: <https://goo.gl/eJ3PPC>.

facilitam nossa vida em um aspecto (a velocidade de transmissão, troca e acesso), mas dificultam em outro (quantidade em excesso x guarda x preservação).

Alguns documentos são capazes de reter mais informação do que outros, alguns possuem determinados valores (financeiro, histórico, patrimonial etc.), alguns são mais duráveis do que outros por conta de seu suporte (papiro, papel, pergaminho, argila, cobre etc.). Há, ainda, aqueles documentos que educam e outros que possuem valor probatório, por comprovarem uma ação realizada por uma pessoa ou instituição.

Como a informação, o conceito de documento é amplo e, por vezes, complexo.

Estudaremos nesta unidade que o documento possui história e conceito, que o documento pode ser entendido sob diferentes maneiras partindo de diferentes áreas do conhecimento e que, independentemente de ser analógico ou digital, não deixa de ser documento, desde que exerça a função como tal.

Portanto, tudo pode ser um documento, desde que tal estatuto seja atribuído por uma instituição (uma biblioteca, um arquivo, um museu que o colete, organize, armazene e divulgue), por um indivíduo ou grupo social no exercício de sua cidadania.

3.4 O DOCUMENTO POSSUI UMA HISTÓRIA

Não há uma farta literatura sobre o tema “documento” do mesmo modo como ocorre com o tema “informação”, em Biblioteconomia e Ciência da Informação. No entanto, o estudo sobre o documento vem ganhando espaço desde a década de 1980.

Para conversarmos sobre alguns aspectos históricos e conceituais do documento, optamos por seguir parte da trilha adotada por Niels Lund, em seu clássico texto Teoria do Documento, de 2009.

Neste texto, Lund realiza uma revisão de literatura que analisa a produção internacional sobre “documento” na Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, sob uma abordagem histórica.

O que o autor faz é uma importante discussão teórica sobre o tema a partir das Ciências Sociais Aplicadas e Humanas. O impressionante do trabalho de Lund é que ele abarca o período de 1903 até 2009, totalizando 114 documentos referenciados em seu texto!

Curiosidade

Quem é Niels Lund?

Niels Windfeld Lund, nascido em 1949, em Copenhague, na Dinamarca, tornou-se o primeiro professor titular em Estudos de Documentação do Departamento de Estudos de Documentação da Universidade de Tromsø (Figura 28), na Noruega, em 1996.

Figura 28 – Universidade de Tromsø

Fonte: *Wikimedia Commons* (2007).[24]

Foi o responsável pelo desenvolvimento inicial do Programa de Estudos de Documentação na pós-graduação, bem como na graduação. De 1975 até 1988, o Dr. Lund foi professor associado da Escola Real de Biblioteconomia e Ciência da Informação, na Dinamarca. Foi duas vezes professor visitante na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 2001 e de 2005 a 2006. Em 2001, o Prof. Lund fundou a Academia do Documento, uma rede internacional de estudos de Documentação.

Suas pesquisas estão focadas na teoria do documento, na área da saúde (prontuários médicos eletrônicos) e artes (ópera). (NIELS, 2009).

Iniciemos então nosso entendimento sobre o documento por meio de uma abordagem histórico-cronológica. Este percurso é fundamental para depois compreendermos os conceitos que contornam o documento, seja

[24] Disponível em: <http://bit.ly/2fusNL9>.

em um contexto mais amplo das Ciências Humanas e Sociais, seja em um contexto específico da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Documento (do latim *documentum*) não era, na Antiguidade, apenas algo feito a mão ou um pedaço de evidências escritas. Documento esteve principalmente relacionado ao ensino e instrução (LUND, 2009).No século XIII, *documentum* significou exemplo, modelo, palestra, ensino e demonstração. Neste período encontramos diversas tipologias de escritas e de documentos, pois os registros são amplos e complexos: certificados, cartas, contas financeiras, registros legais, crônicas, **cartulários**, livros litúrgicos etc.

Cartulários

Designavam livros ou rolos em que se transcreviam ou reuniam privilégios, direitos, títulos de propriedade de uma pessoa ou corporação para facilitar a consulta dos documentos a fim de evitar sua deterioração ou perda.

Na Idade Média, a configuração material do documento se fez mais presente do que na Antiguidade, por meio dos manuscritos medievais. Documento faz parte da autoafirmação da Cristandade na Europa, e não é a toa que a Bíblia se torna uma das mais importantes representações documentárias do período.

Figura 29 – O *Codex Gigas* ou Bíblia do Diabo é considerado o maior manuscrito medieval conhecido, todo em latim

Fonte: *Wikimedia Commons* (20?).[25]

O livro em sua constituição física demarca a Idade Média, a exemplo da Bíblia, elemento de evangelização e comunicação.

Para entendermos a ideia de documento àquela época, é preciso compreendermos os documentos medievais, sobretudo partindo de sua fisicalidade, a exemplo do seu suporte (pergaminho) e da sua pigmentação. A área que se ocupa do estudo amplo do manuscrito medieval é a Codicologia.

[25] Disponível em: <http://bit.ly/2hBg8Dg>.

Explicativo

A Codicologia se ocupa do estudo do livro medieval em sua dimensão física, patrimonial e como testemunho de práticas culturais, de fontes históricas e de suporte. O estudo do suporte da escrita, o tipo de escrita e a encadernação também interessam à Codicologia.

Na Idade Moderna, documentos constituem o chamado estado burocrático, passando a ter valor de prova. Não é à toa que justamente no século XVII, dom Jean Mabillion formula a Diplomática, cujo objetivo foi criar ferramentas para crítica documental, em uma época que se enfrentava o problema da falta de autenticidade e integridade dos documentos.

Curiosidade

Figura 30 – Jean Mabillion

Fonte: Wikipédia (2006).[26]

Sobre Jean Mabillion

Jean Mabillon (Figura 30), chamado também Dom Mabillon, (Saint-Pierre-mont, 23 de novembro de 1632Saint-Germain-des-Prés, 27 de dezembro de 1707) foi um monge beneditino, erudito e historiador francês. Em 1681, ele escreveu o primeiro tratado dedicado à Diplomática, *De re diplomática libri sex*, fundando a disciplina. (TOGNOLI, 2009).

Até o século XVII a palavra "documento" significava principalmente "aquilo que serve para instruir, educar". (REY, 1992, p. 620 apud LUND, 2009, p. 2). Uma palestra oral ou instrução poderia ser um documento e, na verdade, pode ter sido o protótipo de um documento.

Muitos consideram a concepção jurídica do documento como sendo a concepção original, que remonta à Antiguidade. No entanto, este significado particular está ligado ao surgimento da burocracia estatal europeia

[26] Sob domínio público. Disponível em: <http://bit.ly/2xGpJUu>.

do século XVII em diante. Na França, ele é encontrado pela primeira vez em 1690 na combinação de "certificados e documentos." (REY, 1992, p. 620 apud LUND, 2009, p. 2).

Documento também é definido como "[...] algo escrito, inscrito, etc., que fornece **provas** ou **informações** sobre qualquer assunto, como um manuscrito, título de domínio, lápide, moeda, imagem etc.". (SIMPSON; WEINER, 1989, p. 916 apud LUND, 2009, p. 2).

O que percebemos é que, desde o início da modernidade europeia e do Iluminismo em diante, o documento é antes de tudo um **objeto escrito afirmando e provando transações, acordos e decisões** tomadas pelos cidadãos.

Lund (2009) então nos sintetiza três características dos documentos:

a) documentos desempenharam um papel essencial na criação de uma burocracia pública com base em uma lei escrita, ao contrário das leis dos costumes;

b) documentos adquiriram status de prova, dependendo da veracidade das declarações neles constantes; por isso, a autenticidade deles tornou-se crucial. Muitos processos judiciais têm lidado justamente com essas questões;

c) documentos estão ligados ao fornecimento de informações, em parte com base no conceito educacional do documento. Aqui, um documento é um pedaço de escrita que lhe diz alguma coisa.

Essas três características podem ser fundidas em um fenômeno central na sociedade moderna: o escrito como sinônimo de conhecimento verdadeiro.

Durante o século XVII, uma parte essencial do desenvolvimento da sociedade burguesa moderna, e especialmente a sua esfera pública, foi a de que a legitimidade da política, economia, tribunal e ciência tornaram-se cada vez mais dependentes da capacidade dos atores para **documentar** os seus direitos e reivindicações.

No século XIX, o substantivo **"documentação"**, criado a partir da forma verbal **"documentar"**, tornou-se uma palavra importante na ciência, bem como na administração.

A partir de então, a qualidade do trabalho científico dependia da **documentação** que o pesquisador pudesse apresentar aos seus colegas e ao público. Já não era o suficiente chegar a uma boa narrativa ou fazer argumentos lógicos sonoros (LUND, 2009).

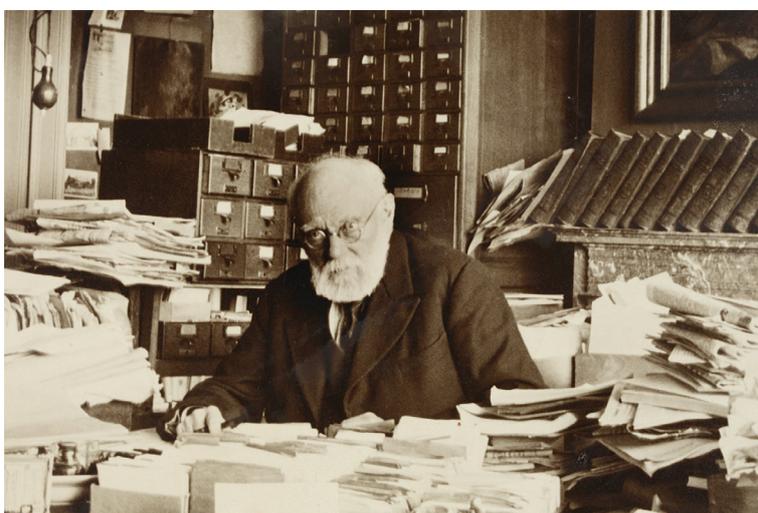
Os cientistas, bem como acadêmicos que trabalham nas artes, especialmente historiadores, agora tinham que mostrar o verdadeiro conhecimento positivo, fazendo experimentos controlados e coleta de documentos que demonstrassem que eles tinham prova empírica como uma base para as suas reivindicações e argumentos.

Isto criou um cenário perfeito para a **primeira teoria do documento** explícita articulada como parte do que se tem chamado do primeiro movimento da **Documentação**, liderada pelo advogado belga Paul Otlet.

Curiosidade

Paul Otlet e a documentação

Paul Otlet (Figura 31), nascido em 23 de agosto de 1868, Bruxelas, Bélgica, morreu em 10 de dezembro de 1944, em Bruxelas, foi bibliógrafo e advogado belga, cujo ambicioso projeto de Mundaneum tentou criar um repositório universal de todos os registros do mundo conhecimento. Seus escritos relacionados com a Ciência da Informação anteciparam o advento da World Wide Web. (WRIGHT, c2017).

Figura 31 – Paul Otlet

Fonte: *Wikimedia Commons* (1937);[27]

A obra de Paul Otlet é crucial para a compreensão do conceito de documento e para constituição de um campo denominado documentação. Para Otlet (1937):

> A Documentação é constituída por uma série de operações distribuídas, hoje, entre pessoas e organismos diferentes. O autor, o copista, o impressor, o editor, o livreiro, o bibliotecário, o documentador, o bibliógrafo, o crítico, o analista, o compilador, o leitor, o pesquisador, o trabalhador intelectual. A Documentação acompanha o documento desde o instante em que ele surge da pena do autor até o momento em que impressiona o cérebro do leitor. Ela é ativa ou passiva, receptiva ou dativa; está em toda parte onde se fale (Universidade), onde se leia (Biblioteca), onde se discuta (Sociedade), onde se colecione (Museu), onde se pesquise (Laboratório), onde se administre (Administração), onde se trabalhe (Oficina).

[27] Sob domínio público. Disponível em: <http://bit.ly/2hBdjcK>.

A documentação enquanto processo envolve o trabalho do documentalista desde a recepção do documento até a produção de instrumentos de representação e organização deste documento, a exemplo de catálogos e bibliografias.

Explicativo

Documentação

Processo que consiste na criação, coleta, organização, armazenamento e disseminação de documentos ou informação. A teoria da documentação surgiu a partir de 1870, em decorrência do desenvolvimento da indústria gráfica. Paul Otlet e Henri La Fontaine foram seus grandes líderes. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

Otlet está inserido em um contexto em que muitos estudiosos europeus trabalhavam para criação de ambientes e ferramentas de colaboração internacional.

Para Lund (2009), muitas associações científicas internacionais, bem como revistas internacionais, foram fundadas no século XIX. Este esforço também criou uma necessidade urgente de ferramentas para localizar o trabalho dos colegas, para encontrar publicações e usar conjuntos de dados coletados pelos estudiosos.

Este foi o pano de fundo para o trabalho iniciado por Henri La Fontaine que, dentro da Sociedade de Estudos Sociais e Políticos, criou a seção bibliográfica para a Sociedade. Junto com seu colega mais novo, Paul Otlet, ele abriu o Escritório Internacional de Bibliografia Sociológica em 1893.

Em 1895, este se expandiu para se tornar o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), um centro de cooperação internacional com um catálogo, *Repertório Bibliográfico Universal*, organizado por uma versão elaborada do sistema de Classificação Decimal de Dewey (CDD): a Classificação Decimal Universal (CDU) (OTLET, 1903, 1907, 1920 apud LUND, 2009).

Tudo isso foi feito por razões práticas, a fim de fornecer ferramentas úteis para os estudiosos.

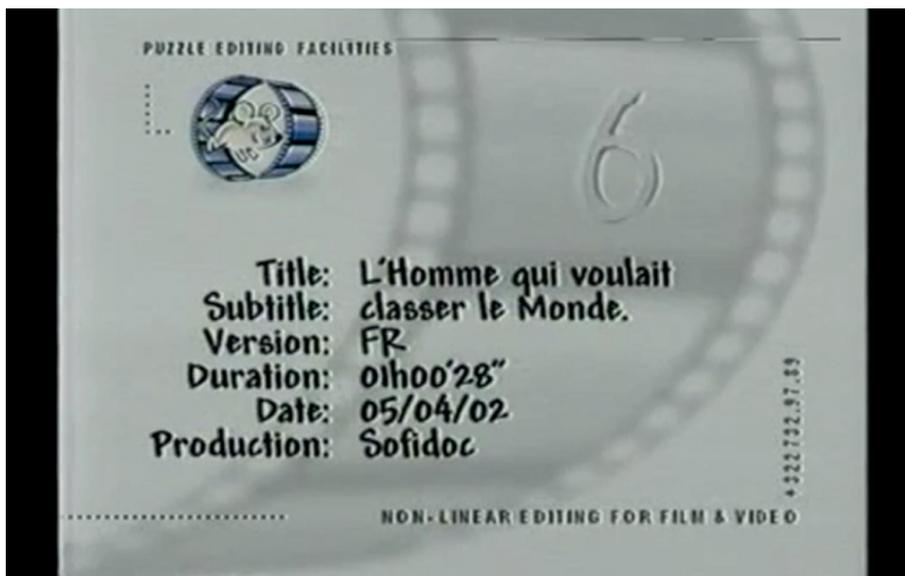
Mas nem Otlet e nem La Fontaine foram teóricos, eles eram na verdade profissionais reflexivos. O que Otlet queria era a organização dos documentos de forma abrangente e prática.

Otlet desenvolveu um conceito muito amplo de documentos, com um viés em direção a textos impressos, livros. Ele sempre falava sobre livros e documentos, bem como bibliografia e documentação, então desenvolveu uma teoria do documento para bibliotecas, não para a vida social em geral (OTLET, 1934 apud LUND, 2009).

Para Paul Otlet, documento é "[...] o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é, também, atualmente, o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica". (OTLET, 1937).

Otlet estava interessado não somente nos documentos escritos, mas também nas imagens, gravações de som, objetos naturais, jogos e assim por diante.

Multimídia

Figura 32 – Cena do vídeo

Fonte: Youtube (2017).[28]

A vida e obra de Paul Otlet foi retratada no documentário *O homem que queria classificar o mundo (L'homme qui voulait classer le monde*, 2002), dirigido por Françoise Levie. O trailer do documentário legendado em espanhol pode ser acessado no link: <http://bit.ly/2x2KBnj>.

Além de Otlet, a figura mais importante que contribuiu para as discussões sobre documentos foi Suzanne Briet, documentalista francesa.

Como Otlet, a principal agenda para Briet era melhorar a documentação prática e resolver questões práticas. Ao mesmo tempo, ambos foram muito conscientes da necessidade de teorizar o campo e formular princípios para a prática documentária. Esta questão é chave no campo da documentação e informação. (LUND, 2009).

Para isso, Briet publicou um pequeno livro em 1951, que era uma espécie de manifesto: *O que é a documentação?*

Briet inicia a obra com uma definição muito geral sobre o documento: "um documento é uma prova em apoio de um fato" (BRIET, 2006, p. 9 apud LUND, 2009, p. 7); bem como a definição "oficial" da União Fran-

[28] Disponível em: <http://bit.ly/2wojjYT>.

cesa das Organizações de Documentação de 1935: "[...] todas as bases de conhecimento materialmente fixadas, e capazes de serem utilizadas para consulta, estudo e prova." (BRIET, 2006, p. 10 apud LUND, 2009, p. 7). Vemos que a questão da prova remonta ao conceito de documentum.

Briet definiu documento como: "[...] qualquer sinal / indício concreto ou simbólico, conservados ou gravados para representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual". (BRIET, 2006, p 9 apud LUND, 2009, p. 7).

Briet considerou documento como sinais concretos e sinais simbólicos. Isso é ilustrado em uma passagem bastante clássica de seu manifesto:

Uma estrela é um documento? Uma pedra que rolou por uma torrente é um documento? Um animal vivo é um documento? Não. Mas são documentos as fotografias e os catálogos de estrelas, as pedras em um museu de mineralogia, e os animais que estão catalogados e mostrados em um zoológico. (BRIET, 2006, p. 10 apud LUND, 2009, p. 8).

A principal diferença entre os dois tipos de objetos é que a estrela, as pedras, e assim por diante, são objetos concretos sem relação com qualquer sinal específico. Mas as fotografias e, assim por diante, se destinam a representar algo como estrelas, um tipo especial de mineral ou um tipo de animal, tais como a nova espécie de antílope que Briet usa como um exemplo da relação entre o documento e todo o processo de documentação (LUND, 2009).

"Quando o antílope é catalogado, torna-se um documento por si mesmo." (BRIET, 2006, p. 11 apud LUND, 2009, p. 9). Os objetos concretos são, escreve ela, "os documentos iniciais" distintos do que ela chama de "documentos secundários" (BRIET, 2006 apud LUND, 2009).

Os documentos iniciais podem ser considerados sinais concretos, tendo uma conexão física com o objeto que representam. Além disso, Briet descreve como os novos documentos são criados como derivados ou documentos secundários: o antílope é considerado documento inicial e a base para um complexo de documentos, tais como catálogos, gravações de som, monografias sobre antílopes, artigos sobre antílopes em enciclopédias, e assim por diante.

Os documentos criam um tipo de cultura para os cientistas, centros de documentação operados por documentalistas, que realizam o ofício da documentação (BRIET, 2006 apud LUND 2009).

Cabe aqui fazermos uma importante distinção para que vocês não se confundam: "documentar" está tanto ligado ao sentido de "registrar" algo quanto ao sentido de gerar "produtos documentários" (os documentos secundários de Briet).

Lund (2009) afirma que tanto Otlet quanto Briet possuem uma teoria muito específica dos documentos com a intenção de promover um novo campo profissional: a Documentação.

Para Ortega e Lara (2010):

> [...] as propostas de Otlet e de Briet já enunciavam os aspectos do acesso à informação. Os termos documento e documentação tinham em germe a noção de informação, assim como a de produção de documentos a partir de documentos originais, relativamente como são compreendidos hoje.

3.5 DEFINIÇÕES DE DOCUMENTO EM DIFERENTES PERSPECTIVAS: BIBLIOTECONOMIA, ARQUIVOLOGIA, MUSEOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Existem inúmeras definições para o termo "documento". No contexto dos estudos de informação, estas definições possuem aproximações e especificidades. Vejamos algumas delas.

> Segundo a conceituação clássica e genérica, documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a carta, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim, tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos, pela atividade humana. (BELLOTTO, 2007, p. 35).

Normalmente se afirma que em biblioteca um documento pode ser o exemplar de um livro, expressando a mente humana e memória materializada (MARTINEZ-COMECHE, 2000 apud LUND, 2009). Já no arquivo um documento refere-se a um evento, um processo, ou um ato de caráter administrativo ou legal que tem sido expressado em algum meio, criando, assim, um documento. Por fim, em um museu, qualquer coisa relacionada à natureza ou ao ser humano pode ser considerada um documento (LUND, 2009).

Por outro lado, há de se considerar as especificidades de diversas áreas do conhecimento em relação aos seus entendimentos particulares do que seja o documento.

Em Biblioteconomia, Cunha e Cavalcante (2008 p. 132) entendem o documento como: "1.1 Suporte de informação [...]. 2.11 Informação registrada, estruturada para compreensão humana. Esta definição admite tanto os documentos em papel (substanciais) quanto os documentos eletrônicos (insubstanciais)."

No que se refere à Arquivologia, Bellotto (2007, p. 37) propõe:

> Os documentos de arquivo são os produzidos por uma entidade pública ou privada ou por uma família ou pessoa no transcurso das funções que justificam sua existência como tal, guardando esses documentos relações orgânicas entre si. Surgem pois, motivos funcionais administrativos legais. Tratam sobretudo de provar, de testemunhar alguma coisa. Sua apresentação pode ser manuscrita, impressa ou audiovisual; são em geral exemplares únicos e sua gama é variadíssima, assim como sua forma e suporte.

Já os documentos de museus [...]

> [...] originam-se de criação artística ou da civilização material de uma comunidade. Testemunham uma época ou atividade, servindo para informar visualmente, segundo a função educativa, científica ou de entretenimento que tipifica essa espécie de instituição. A característica desses documentos é serem tridimensionais, isto é, serem objetos. Têm os mais variados tipos, naturezas, formas e dimensões. (BELLOTTO, 2007, p. 37).

Do ponto de vista da Ciência da Informação, podemos dizer que a área trabalha com o documento "[...] ao menos sob duas perspectivas diferentes: no sentido que caracteriza sua atividade nuclear, e num sentido que corresponde ao seu entorno". (LARA, 2010, p. 36).

No primeiro caso, os documentos são tratados e produzem outros documentos como as bibliografias, catálogos, etc. Já no segundo caso os documentos se tornam objetos de análise crítica partindo de sua dimensão social, por exemplo.

Vejamos no Quadro 5 como se caracteriza a noção de documento partindo de autores clássicos da Documentação e da Ciência da Informação:

Quadro 5 – Noção de documento na ótica de diferentes autores

AUTOR(ES)	NOÇÃO DE DOCUMENTO
OTLET	Suporte de dados, receptáculo de ideias, meio de transmissão do pensamento.
BRIET	Evidência física; base material do conhecimento fixado; signo físico ou simbólico.
ESCARPIT, MEYRIART	Função icônica/suporte material; função discursiva; instrumento de comunicação; função documental e garantia de estabilidade durabilidade.
BUCKLAND	Não fala em documento, mas em informação.
BELKIN, BROOKES, WERSIG, INGWERSEN	Não falam em documento, mas em informação.
CAPURRO, HJØRLAND	Não falam em documento, mas em informação.

Fonte: Lara (2010, p. 52).

Sendo assim, podemos concluir, de acordo com Martinez-Comeche (2000, p. 6 apud LUND, 2009): “qualquer coisa pode ser um documento. Nada é um documento antes de ser considerado como um documento”.

Esta proposição é importante e reafirma a importância da dimensão social para se definir o documento. Esta mesma dimensão nos chamamos atenção quando estudamos o fenômeno da informação.

Nem todos os documentos possuem os mesmos valores referenciais, então em qualquer documento devemos ser capazes de identificar um agente humano com a intenção de fazer o objeto em um documento (LUND, 2009).

Portanto, isto não significa que cada entidade física esteja relacionada com o mesmo valor referencial em cada situação. Isto depende diretamente de quem cria o documento, de quem o medeia de quem é o usuário final.

3.5.1 Atividade

Selecione um momento sobre a história do documento e discorra sobre a ela partindo de duas perspectivas: a dos indivíduos e a das obras de destaque.

Resposta comentada

Por se tratar de uma questão discursiva, não há uma resposta certa ou errada. O importante é exercitar os conhecimentos obti-

dos ao longo da Unidade 3, lembrando que um bom texto dissertativo deve ter introdução, desenvolvimento e conclusão.

Uma sugestão possível é dissertar sobre a obra de Paul Otlet, o Tratado de Documentação obra fundamental para a história e teoria do documento. Tratado de Documentação é o resultado das impressões e ideias teóricas e práticas sobre a organização intelectual do homem. A importância da obra é enorme, de modo que é considerada por alguns como anúncio dos problemas e questões ligadas à rede mundial de computadores.

3.5.2 **Atividade**

Avalie cada um dos textos a seguir e diga se ele se encaixa ou não no conceito de documento, explicando o porquê. Nos casos positivos, identifique o autor que melhor representa a respectiva definição.

a) recurso impresso ou eletrônico em que são preenchidos dados e informações, que permite a formalização das comunicações, o registro e o controle das atividades das organizações, como empresas ou instituições estatais;

____

____

b) documento é livro, revista, jornal, peça de arquivo, estampa, fotografia, medalha, música, filme, disco e toda parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica;

____

____

c) desempenham um papel essencial na criação de uma burocracia pública com base em uma lei escrita, ao contrário das leis dos costumes;

____

____

d) qualquer sinal ou indício concreto ou simbólico, conservado ou gravado para representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual;

____

____

e) Constitui-se por uma série de operações distribuídas entre pessoas e organismos diferentes, podendo estar em toda parte onde se fale, se leia, se discuta, se colecione, se pesquise, se administre, se trabalhe.

____

____

Resposta comentada

a) este é o conceito de formulário. Todo formulário é um documento, mas nem todo documento é um formulário;

b) sim, essa é uma definição de documento que foi desenvolvida por Paul Otlet;

c) esse não é um conceito de documento, mas sim uma característica inerente a ele apontada por Niels Lund;

d) sim, esse é um conceito de documento que foi proposto por Briet;

e) essa é a definição de Documentação, e não de documento, proposta por Paul Otlet.

3.5.3 Atividade

Defina documento em duas áreas do conhecimento, excetuando-se aquelas áreas que já exploramos em nossa unidade. Você pode, por exemplo, definir documento para História, Sociologia, Preservação e Tecnologia da Informação.

Resposta comentada

Por se tratar de uma questão discursiva, não há uma resposta certa ou errada. O importante é exercitar os conhecimentos obtidos ao longo da Unidade 3, lembrando que um bom texto dissertativo deve ter introdução, desenvolvimento e conclusão.

3.6 CONCLUSÃO

Documento indica qualquer coisa que é portadora de significado, independentemente do suporte ou meio em que está registrado, da informação que é veiculada, dos indivíduos que dele se apropriam e da área do conhecimento que o contorna.

Documento é, então, um conceito longe de ser algo ligado somente à palavra escrita e a um texto em um pedaço de papel.

Quando se reconhece o seu valor como meio de transmissão de informação, o estatuto do documento é adquirido. E este reconhecimento é dado por um grupo social ao invés de por um único indivíduo, o que faz com que as instituições e ambientes informacionais (sejam as bibliotecas, arquivos, museus) façam parte deste processo de legitimação do objeto em documento.

RESUMO

Documento pode ser entendido sob diferentes maneiras e a partir de diferentes áreas do conhecimento, independentemente de ser analógico ou digital.

Portanto, tudo pode ser um documento, desde que tal estatuto seja atribuído, seja por uma instituição, seja por um indivíduo ou grupo social no exercício de sua cidadania.

Na história do documento e da documentação, destacam-se as figuras de Paul Otlet e Suzanne Briet, cujos objetivos foram melhorar a documentação prática e resolver questões práticas. Ao mesmo tempo, ambos foram muito conscientes da necessidade de teorizar o campo da Documentação e formular princípios para a prática documentária de forma consistente e crítica.

Os documentos iniciais são sinais concretos que possuem ligação com o objeto que representam, tendo uma conexão física com o ele. Assim, os documentos são dependentes da mente subjetiva e interpretativa do documentalista.

Com relação à Biblioteconomia e à Ciência da Informação, podemos dizer que ambas as áreas trabalham com o documento sob duas perspectivas: as atividades nucleares de descrição, representação, difusão e preservação de documentos e as atividades que estão ligadas ao contorno do documento, como o seu estudo técnico, tecnológico e mesmo crítico.

Por fim, documento é uma atribuição, sendo que qualquer coisa pode ser um documento, desde que considerada como tal.

Sugestão de Leitura

ARAÚJO, C. A. Á. Documento como ponto de diálogo entre arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação. **Tempo Brasileiro,** Rio de Janeiro, v. 1, p. 7-27, 2015.

BRIET, S. **Qu'est-ce que la documentation?** Paris: Wayne State University, [19]. *Disponível em:* <http://martinetl.free.fr/suzannebriet/suzanne_briet.htm>. Acesso em: 15 ago. 2016.

LARA, M. L. G. de; ORTEGA, C. D. Documento e informação, conceitos necessariamente relacionados no âmbito da Ciência da Informação In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 9., 2008, São Paulo. **Anais... São Paulo: ANCIB**, 2008.

RABELLO, R. A dimensão categórica do documento na ciência da informação. **Encontros Bibli, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 131-156, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p131>. Acesso em:** 5 jan. 2016.

SIQUEIRA, J. C. A noção de documento digital: uma abordagem terminológica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 125-140, jan./jun. 2012.SMIT, J. **O que é documentação**. **São Paulo: Brasiliense, 1986.**

TANUS, G. F.; RENAU, L. V.; ARAUJO, C. A. Á. O conceito de documento em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v.** 8, n. 2, p. 158-174, jul./dez. 2012.

YEPES, J. L. Reflexiones sobre el concepto de documento ante la revolución de la información: ¿un nuevo profesional del documento? **Scire**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 11-29, enero/jun. 1997.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes:** tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. de O. Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia. Brasilia: Briquet de Lemos/ Livros, 2008.

LARA, M. L. G. de. Documento e significação na trajetória epistemológica da Ciência da Informação. In: FREITAS, L. S. de; MARCONDES, C. H.; RODRIGUES, A. C. **Documento:** gênese e contextos de uso. Niterói: Editora da UFF, 2010. p. 35-56.

LUND, N. W. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology**, Medford, 2009, v. 3, p. 399-32.

NIELS Windfeld Lund. **Centre for interdisciplinary research in music media and technology**, Montreal, 2009. Disponível em: <http://www.cirmmt.org/activities/seminars/lund>. Acesso em: 10 out. 2014.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, abr. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/8400>. Acesso em: 12 mar. 2011.

OTLET, P. **Documentos e documentação**. Paris: [S.l.], 1937. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/biti/otlet/>. Acesso em: 12 nov. 2011.

TOGNOLI, N. B. A cara da Diplomática. **La Diplomatica.** [S.l.], 2014. Disponível em: <http://ladiplomatica.blogspot.it/>. Acesso em: 4 jan. 2017.

WRIGHT, Alex. Paul Otlet: belgian lawyer and bibliographer. **Encyclopaedia Britannica**, [S.l.], c2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Paul-Otlet>. Acesso em: 11 jun. 2016.